

A afetividade de crianças e jovens com Síndrome de Down: um estudo sobre as percepções de pais e de professores*

La afectividad de niños y de jóvenes con Síndrome de Down: un estudio sobre las percepciones de padres y de profesores

Affectivity of children and young people with Down Syndrome: A study about parents and teachers perception

Elaine Custódio Rodrigues

Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Natal, Brasil.

João Carlos Alchieri

Professor Adjunto do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Natal, Brasil.

y Maria da Penha de Lima Coutinho

Professora Associada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Correspondencia:

laineocr.psi@hotmail.com

RESUMO

Estudo investigativo de percepções de pais e professores sobre a afetividade de crianças e jovens com Síndrome de Down (SD). O aporte teórico revelou, dentre outros aspectos importantes, que o desenvolvimento afetivo do indivíduo com SD, além da interferência decisiva que tem a da linguagem, procede de influências socioculturais e genéticas. Participaram da pesquisa 69 pais e 51 professores. Questionários foram utilizados e os dados submetidos ao processamento do *software Tri-deux-Mots*. Apesar das percepções revelarem aspectos

* Este artigo foi extraído da dissertação de mestrado intitulada Avaliação das Características de Afetividade em Crianças e Jovens com Síndrome de Down, aprovada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 2009. Tal pesquisa foi financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil.

positivos e negativos da afetividade, observou-se uma tendência à idealização dos indivíduos com SD como afetuosos e dóceis. Ressalta-se que esses indivíduos são essencialmente únicos com diferenças em relação à personalidade, ao temperamento e à expressão da afetividade como pode ser qualquer outro indivíduo que não tem a síndrome.

Palavras-chaves: Síndrome de Down - Afetividade - Percepção.

RESUMEN

Investigación sobre las percepciones de padres y profesores con respecto a la afectividad de niños y jóvenes con Síndrome de Down (SD). El estudio reveló, entre otros aspectos importantes, que el desarrollo afectivo del individuo con SD, además de la interferencia decisiva que tiene el lenguaje, procede de influencias socioculturales y genéticas. Participaron de la investigación 69 padres y 51 profesores. La información se recolectó mediante cuestionarios y los datos fueron sometidos al procesamiento del *software Tri-deux-Mots*. Aunque las percepciones revelaron aspectos positivos y negativos de la afectividad, se observó una tendencia a la idealización de los individuos con SD como afectuosos y dóciles. Se resalta que estos individuos son esencialmente únicos con diferencias en relación a la personalidad, al temperamento y a la expresión de la afectividad como puede ser cualquier otro individuo que no tenga el Síndrome.

Palabras clave: Síndrome de Down - Afectividad - Percepción.

ABSTRACT

This article presents a research study on parents and teachers' perception on the affection of children and young people with Down Syndrome (DS). The theoretical contribution revealed, among other issues, that the emotional development of individuals with DS is related to language interferences determined from cultural and genetic influences. 69 parents and 51 teachers took part in the research. Information was collected through questionnaires, and data was processed by the use of the *Tri-Deux-Mots*. Although perceptions revealed positive and negative affection aspects, it was noticed a tendency to idealize individuals with DS, characterizing them as affectionate and docile people. It is emphasized that these individuals are essentially unique, with differences in personality traits, temperament and emotion expressions as any other individual who does not have the syndrome.

Key words: Downs Syndrome - Affection - Perceptions.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta resultados de uma investigação que objetivou ampliar o conhecimento a respeito da percepção de pais e de educadores sobre a expressão da afetividade de crianças e jovens com Síndrome de Down (SD). A escolha da temática justifica-se devido à necessidade de conhecer melhor a percepção de pessoas que lidam com crianças e jovens acometidos pela SD sobre o comportamento afetivo dos mesmos. Observa-se que no meio familiar e escolar, por exemplo, é muito comum a compreensão de que a SD está associada a uma afetividade exagerada.

Entende-se que o processo do desenvolvimento da pessoa com SD possui características específicas que dependem, além dos fatores genéticos, dos psicológicos, culturais e ambientais. Assim, o vínculo afetivo, por exemplo, depende de como foi vivenciado o primeiro contato entre a mãe e o bebê síndrômico, pois nem sempre os pais são preparados para receber uma criança com necessidades distintas e demonstram dificuldades em aceitar a situação, afinal a imagem construída durante a gestação do bebê ideal foi afetada, gerando situações de conflito (Rodrigues, 2008).

Sentimentos como a mágoa, sofrimento, culpa e o processo de luto, geralmente, são relatados pelos pais, quando recebem a notícia de que vão ter um filho com SD. No entanto, os genitores da criança, em geral, revelam estima e preocupação com seu filho (Silva & Dessen, 2006).

Nesse sentido, Rossel (2004) expressou que, dependendo do grau de participação durante a gravidez e por ocasião do parto, o pai pode experimentar sentimentos de aceitação e de amor com variada intensidade. A autora também demonstrou que as mães que expressaram apego ao filho, imediatamente após o parto, tiveram melhor êxito na amamentação, evoluíram afetivamente com maior estabilidade frente à maternidade e apresentam menor propensão ao maltrato e ao abandono, em comparação com aquelas mães que não lograram o apego imediato ao filho.

Identificar o desenvolvimento da afetividade é de extrema importância para a compreensão do comportamento de crianças com SD. Pinto (2004, p. 111) mostra que é fundamental visualizar o conceito de afetividade “como um dos conteúdos psicológicos que exercem um papel imprescindível na organização e no funcionamento psíquico do ser humano”. Por sua vez, Doron e Parot (2001, p. 35) declaram que a afetividade possui uma “noção de extensão e compreensão bastante vaga, que engloba estados tão diversos como as emoções, as paixões, os sentimentos, a ansiedade, a angústia, a tristeza, a alegria, mesmo as sensações de prazer e de dor (...)”.

Mahoney e Almeida (2005) também retratam, em seus estudos, a dimensão afetiva do indivíduo. De acordo com essas autoras, torna-se pertinente definir afetividade enquanto a capacidade e a disposição de uma pessoa de ser influenciada pelo mundo externo e interno, diante de sensações agradáveis ou desagradáveis.

É necessário, portanto, atualizar a discussão de conceitos que se encontram interligados à afetividade, como por exemplo, a emoção e os sentimentos. A emoção é uma forma de exteriorizar a afetividade através da expressão corporal e motora, com uma ação expressiva e rapidamente percebida, sendo a primeira forma que liga o individual ao social, quando o indivíduo estabelece os vínculos com o mundo humano e, conseqüentemente, com o mundo físico, ao passo que os sentimentos são a expressão representativa da afetividade, não implicando somente em reações momentâneas e diretas, como no caso da emoção.

Segundo Rodríguez (2004), as emoções apresentam três características: a primeira refere-se aos sentimentos como “estados do sujeito” (a todo instante o ser humano sente algo); a segunda aos sentimentos como “disposição para ação” (ênfatisa o ser humano enquanto um ser atuante); e, por fim, aos sentimentos como “incomunicáveis” porque são pessoais e intransferíveis e a única coisa que se pode fazer é tentar verbalizá-los através de palavras a serem transmitidas para outras pessoas. Além dessas características, as emoções cumprem essencialmente três funções: a vinculação do sujeito com os objetos do meio em que vive, tanto os externos (pessoas, animais e coisas) como os internos; a organização hierarquizada da realidade; e a expressão das próprias vivências.

A primeira função se refere ao grau de implicação emocional por meio de sentimentos que servem para unir os

objetos ao redor do indivíduo mediante um laço afetivo. Na organização hierarquizada da realidade, o indivíduo organiza os objetos segundo as suas próprias preferências e não preferências. Também as pessoas com SD, como qualquer outra pessoa, possuem sua própria subjetividade o que lhes permitem ter uma experiência vital única, valorizando a realidade de acordo com os seus parâmetros pessoais. A terceira função é a expressão das próprias vivências, em consonância com a premissa de que se o pensamento se diz, o sentimento se expressa. Rodríguez (2004) esclarece que essa manifestação pode ocorrer através de sintomas intro-perceptíveis, isto é, somente detectáveis pelo sujeito que os experimenta, e extraverbais ou extero-perceptíveis, ou seja, visíveis para os demais. Essa função oferece a possibilidade de explicitar sentimentos. No caso das pessoas com SD, podem ocorrer duas situações extremas na manifestação externa dos sentimentos: por excesso, quando não lhe é ensinado o autocontrole, e por impossibilidade, quando suas limitações lingüísticas dificultam a comunicação de sentimentos. Em todo caso, sua capacidade de dissimular emoções é menor que nas demais pessoas, pelo motivo de mostrarem com mais espontaneidade os seus estados de ânimo.

Abordar o mundo emocional e/ou afetivo de indivíduos com SD torna-se um desafio e uma ousadia, pois, como mencionado anteriormente, as emoções são pessoais e intransferíveis. Sendo assim, para avaliar a forma como eles vivenciam a afetividade, é necessário levar em consideração, também, as

dificuldades expressivas e isso torna o caminho mais desafiador. No entanto, é possível fazer algumas deduções com relação à vivência sentimental de pessoas com SD, desde que se utilize como base suas características neurobiológicas e o seu desenvolvimento (Rodríguez, 2004).

Outro aspecto que pode alterar esse desenvolvimento afetivo é o próprio meio social que demonstra uma baixa expectativa em relação às capacidades dessas pessoas, revelando estereótipos e preconceitos, os quais estão enraizados no meio cultural. Exemplificando esse ponto, é fundamental destacar que, muitas vezes, os indivíduos com SD são tratados como eternas crianças pelos pais, que reforçam a necessidade de que o meio social lhes trate assim (Camargo & Torezan, 2004).

Considerando que as emoções são estados comunicacionais dos seres humanos, as pessoas com SD possuem uma vida emocional tão rica como qualquer outra pessoa, vivendo os seus afetos com intensidade. A riqueza emocional da SD também é reflexo da existência de vários tipos de personalidades e de temperamentos. Por isso, as pessoas com SD podem ser impulsivas e/ou reflexivas, sociáveis e/ou reservadas, calmas e/ou inquietas, introvertidas e/ou extrovertidas. Isso vai depender da maneira como foi estabelecido o vínculo com os objetos da realidade e da expressão emocional, com variações de uma pessoa para outra. É comum que as pessoas com SD apresentem a capacidade de captar o ambiente afetivo, pois parecem ser

particularmente sensíveis a tristeza e a ira dos demais, mesmo que também captem com rapidez o carinho e a alegria de quem lhes trata com naturalidade (Rodríguez, 2004).

É importante acrescentar que a dificuldade na comunicação lingüística pode limitar a expressão das emoções das pessoas com SD. Isso não quer dizer que elas não vivenciem com intensidade suas emoções, mas tal dificuldade pode ocasionar certas condutas, como comportamentos inadequados na escola e em casa, que poderiam ser expressões não verbais das intensas emoções que estão vivendo (Rodríguez, 2004).

De maneira oportuna, o mesmo autor lembra que a riqueza das vivências emocionais e a capacidade de captar emoções, que os indivíduos com SD apresentam, indicam a incoerência da idéia de que as pessoas com SD tenham deficiência psíquica ou mental, no sentido estrito, uma vez que suas carências são cognitivas e não afetivas. Nesse sentido, é mais apropriado afirmar que sua incapacidade é intelectual e não extensiva a toda a riqueza inerente à complexidade da psique ou da mente humana.

Por fim, inspirando-se em Atkinson, Edward, Bem, & Nolen-Hoeksema (2002), a emoção é tomada como algo complexo e maximiza a resposta do organismo frente a determinadas vivências e na comunicação interindividual. Percebe-se que as limitações impostas ao desenvolvimento dos indivíduos com SD não os impedem de vivenciar a afetividade intensamente, embora seja importante que os pais e professores

tenham conhecimento de que precisam educar e orientar suas emoções, mostrando-lhes possibilidades para que eles possam ter uma melhor relação intra e interpessoal, levando em consideração a riqueza e a complexidade das suas experiências afetivas.

MÉTODO

Através da interlocução com pais e professores de crianças e jovens com SD, a presente investigação buscou identificar e valorizar suas percepções sobre aspectos afetivos dessas crianças e jovens.

Participaram da pesquisa 69 (sessenta e nove) pais e 51 (cinquenta e um) professores, de crianças e jovens com SD, vinculados a Instituições da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Utilizou-se como instrumento para coleta de dados questionários com o intuito de avaliar a expressão da afetividade de crianças e jovens com SD nos ambientes residenciais e escolares. Os questionários foram aplicados nas Instituições de acordo com a disponibilidade dos participantes da pesquisa.

Os questionários aplicados com os pais continham dez questões, envolvendo o que se segue: a) descrição do comportamento afetivo, amoroso do filho em casa; b) manifestação do afeto do filho quando está alegre; c) relacionamento do filho com os irmãos quando está alegre; d) relacionamento do filho com amigos quando está alegre; e) dificuldade do filho em ficar tranquilo quando algo lhe incomoda; f)

tempo da ocorrência de agressividade; g) atitude dos pais quando o filho está irritado; h) descrição de um fato que deixa seu filho triste e outro que o deixa feliz; i) opinião dos pais sobre o que poderia mudar no comportamento afetivo do seu filho; e j) descrição de cinco sentimentos que os pais observam com maior frequência no filho.

Outras seis questões foram aplicadas com os professores, as quais retrataram: a) descrição do comportamento em sala de aula; b) relacionamento professor/aluno; c) situações que podem gerar agressividade; d) descrição de momentos em que o aluno fica triste; e) descrição de momentos em que fica alegre; e f) identificação de atividades que os alunos mais gostam.

As respostas dos questionários preenchidos foram tabuladas em uma planilha eletrônica do Excel e depois transferidas para o Word, por ordem de respostas de 1 a 10 (para os pais) e de 1 a 6 (para os professores). Ao verificar as respostas obtidas nos questionários, percebeu-se a necessidade de selecionar as palavras que marcam a expressão do comportamento e do relacionamento afetivo das crianças com SD em casa e na Escola. As palavras selecionadas foram submetidas ao tratamento analítico do software *Tri-deux-Mots* (versão 2.2). Esse programa é recomendado e amplamente utilizado por Coutinho (2005) em seus estudos para analisar questões abertas, fechadas e/ou associação de palavras. Esse software foi desenvolvido para processamento estatístico de um volume de dados que manualmente seria penoso e demorado.

O mesmo permite verificar correlações entre grupos, assim como visualizar as relações de atração e de afastamento entre os elementos analisados.

RESULTADOS

Para o processamento no *Tri-Deux-Mots*, foi elaborado um banco de dados contendo as variáveis fixas (participantes, sexo e idade) e as variáveis de opinião (estímulos indutores), organizadas de acordo com os objetivos da pesquisa. As variáveis

fixas foram, então, representadas pelos participantes (pais ou responsáveis e professores), pelo sexo (masculino e feminino) e pela idade (20 a >51 anos). Os estímulos indutores corresponderam às respostas dos pais/responsáveis ou professores sobre a afetividade das crianças com SD, em casa e na sala de aula e foram denominados como o comportamento afetivo e o relacionamento com o outro (Rodrigues & Alchieri, 2009). A codificação das variáveis fixas e de opinião foi organizada de acordo com a tabela 01.

Tabela 01. Codificação das variáveis fixas e de opiniões que auxiliaram na elaboração do banco de dados processado pelo *Tri-Deux-Mots*

Variáveis de Opinião - Estímulos indutores			
1 = Comportamento afetivo		2 = Relacionamento com o outro	
Variáveis Fixas			
Participantes	Sexo	Idade	
1 = Pais ou responsáveis	1 = Feminino	1 = 20-30	3 = 41-50
2 = Professores	2 = Masculino	2 = 31-40	4 = >51

Após a codificação, as palavras extraídas dos questionários foram repassadas no programa Word, de acordo com o dicionário elaborado, com base nas primeiras seis letras das palavras, ou seja, se a palavra continha mais letras como “aborrecida” ela foi substituída por “aborre”. A construção do extrato do banco de dados foi codificada como no exemplo: 122caloro₁ carinh₁ alegre₁ chatea₁ perdao₁ sincer₁ respei₁ felici₁ transp₂ senbem₂ amigo₂ brinca₂ *. Os dados do extrato demonstram as variáveis fixas e de opinião. As variáveis fixas 122 correspondem: 1=Pai 2=Sexo masculino

e 2=31-40 anos. As variáveis de opinião são: o comportamento afetivo (1), destacando-se as palavras: caloroso, carinhoso, alegre, chateado, perdão, sinceridade, respeito, felicidade; e o relacionamento com o outro (2) apresentando as seguintes expressões: transparente, se sente bem, amigo e brincalhão. Ao final de cada linha observa-se a presença de um asterisco (*), como requisito técnico indispensável para a leitura dos dados pelo *software*.

O processamento do banco de dados através do *Tri-deux-Mots* incluiu

a Análise Fatorial de Correspondência (AFC), destacando eixos destinados a esclarecer as modalidades de respostas, apontando a composição dos elementos de forma organizada, no campo representacional ou gráfico (Coutinho, 2005). Isso indica que a AFC demonstra as correlações constituídas entre os estímulos indutores e as variáveis fixas específicas dos indivíduos pesquisados.

Foi possível realizar a análise com as maiores cargas fatoriais associadas às variáveis fixas (participantes, sexo e idade). Registraram-se 1000 palavras como respostas aos dois estímulos indutores (comportamento afetivo e o relacionamento com o outro), das quais 712 foram diferentes, reduzidas de acordo com a ligação dos termos com a semelhança das translações sofridas pela significação das palavras, estabelecida pelo próprio programa. Esta redução pela similaridade semântica, destas palavras diferentes, revelou através do programa computacional que 56 palavras fizeram parte do plano fatorial, de acordo com

a contribuição referente a cada palavra para o espaço fatorial determinado. Para calcular a média desta produção, levou-se em consideração a soma das cargas fatoriais (1000) e dividiu-se pelo total de palavras (56) que correspondeu à média da carga fatorial, igual a 17,85. (Rodrigues & Alchieri, 2009).

Nesta etapa do processamento e análise dos dados, tem-se o intuito de apreender as palavras relacionadas ao comportamento e relacionamento afetivo das crianças com SD, para isto foi necessário calcular o dobro da média das cargas fatoriais ($17,85 \times 2 = 35,7$) e, então, identificar que palavras tiveram maior significado na construção dos fatores do plano fatorial. Tais palavras são apresentadas nas tabelas 2 e 3 de acordo com os estímulos indutores, em que se percebe que, para cada estímulo indutor, surgiram palavras que apresentam maiores cargas fatoriais e estas estão relacionadas a cada um dos fatores processados pelo programa *Tri-Deux-Mots*.

Tabela 02. Palavras selecionadas dos questionários, a partir do estímulo “comportamento afetivo”, e suas maiores contribuições fatoriais (CPF)

Estímulo	Palavra	CPF - Fator 1	CPF - Fator 2
Comportamento Afetivo	agressivo	38	-
	amoroso	-	36
	carinho	43	-
	compreensivo	-	39
	não é agressivo	53	-
	ótimo	39	-
	tranquilo	-	71
	triste	-	70
Comportamento variável / inconstante		-	110

Através das maiores contribuições fatoriais, percebe-se que o comportamento afetivo das crianças com SD, apresentado pelos pais, é classificado como: agressivo, carinhoso, não agressivo e ótimo comportamento. Por sua vez os professores em sala de aula demonstram expressões sobre um

comportamento amoroso, compreensivo, tranqüilo, triste e variável/inconstante. Sendo que os valores mais expressivos encontram-se entre apresentar um comportamento não agressivo, triste, tranqüilo e inconstante (Rodrigues & Alchieri, 2009).

Tabela 03. Palavras selecionadas dos questionários, a partir do estímulo “relacionamento com o outro”, e as maiores contribuições fatoriais (CPF)

Estímulo	Palavra	CPF - Fator 1	CPF - Fator 2
Relacionamento com o outro	alegre	39	-
	apegado	-	63
	bom	42	-
	brinca	43	-
	carinhoso	93	-
	ciumento	-	35
	confia	35	47
	feliz	48	-
	muito bom	-	36
respeito	46	-	

Tendo como base o estímulo indutor (relacionamento com o outro), percebe-se na tabela 03 que a palavra com maior carga fatorial, revelada pelos pais, indica que as crianças e jovens com SD, no relacionamento com o outro, são muito carinhosas. Os pais também afirmam que "elas são alegres", "têm um bom relacionamento", "gostam de brincar ou são brincalhonas", demonstrando confiança, respeito e felicidade. Já os professores enfatizam que estas crianças são muito apegadas às suas amigadas, assim como são ciumentas, confiantes, apresentando um relacionamento muito bom em sala de aula (Rodrigues & Alchieri, 2009).

As discussões sobre as

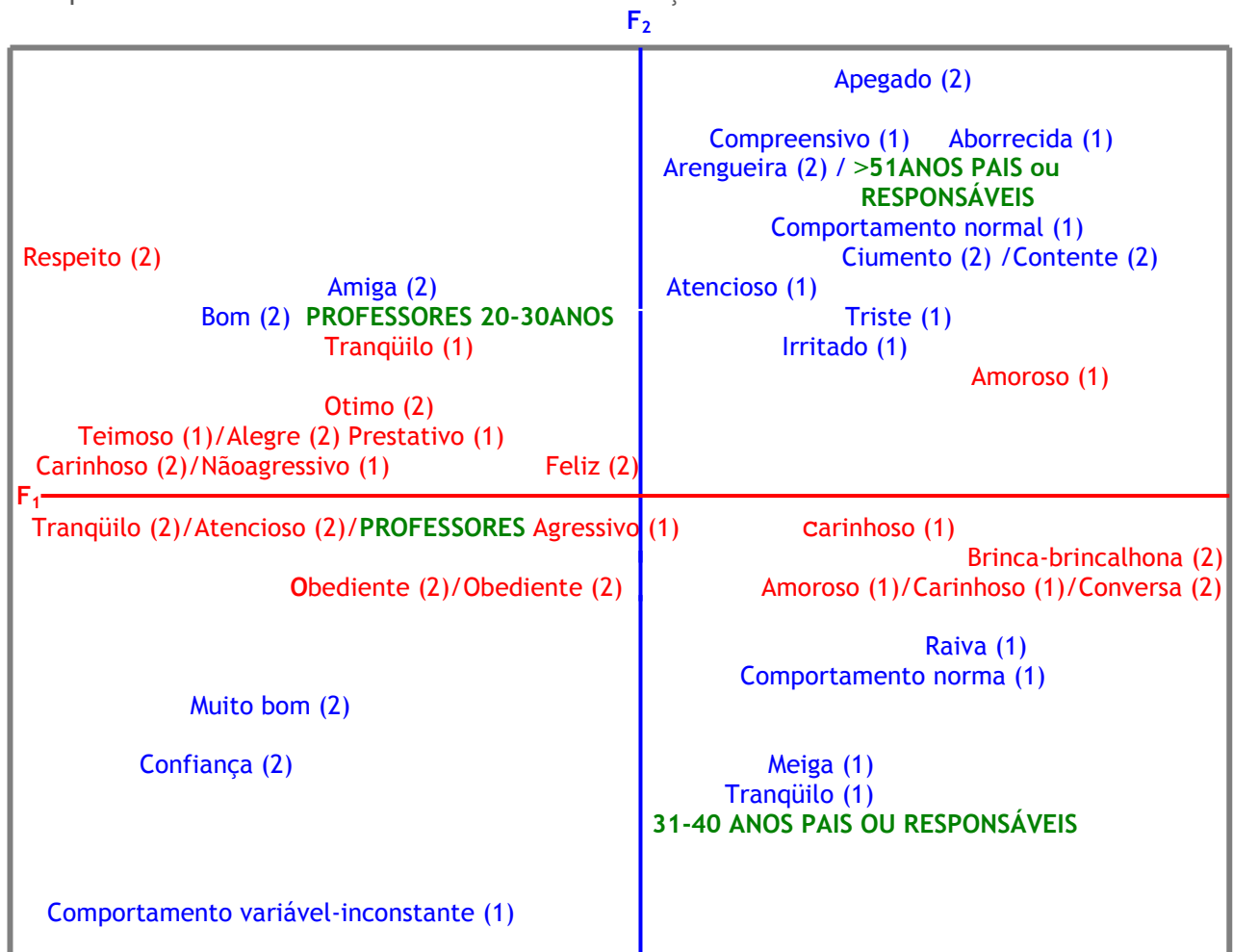
concepções dos pais e professores com referência ao comportamento afetivo e o relacionamento com o outro serão apresentadas no gráfico 01. Manteve-se a finalidade de discutir o conjunto da análise e dos comentários sobre o plano fatorial, estabelecido a partir da leitura das modalidades, palavras selecionadas ou campos semânticos, distribuídas de maneira adversa sobre os eixos ou fatores (Fator 1 e Fator 2). Os dois fatores atrelados, explicaram 83,9% da variância total das respostas e enfocam, designadamente, a análise das variáveis ou modalidades que possuem contribuição superior, ou seja, duas vezes a média das cargas fatoriais apresentadas.

No gráfico 01 apresenta-se o primeiro fator (F₁) na linha horizontal, destacado em vermelho, revelando as maiores cargas fatoriais, especialmente aquelas relacionadas à opinião dos professores e dos pais ou responsáveis sobre o comportamento e relacionamento afetivo das crianças com SD. Este fator representa 73,9% da diversidade total das respostas dos pais e professores. Neste primeiro fator, destacam-se, em vermelho no lado esquerdo, as respostas enfatizadas pelos professores. No mesmo eixo no lado direito, salientam-se as respostas

dos pais ou responsáveis.

O segundo fator (F₂) localizado, em azul, na linha vertical do gráfico, representa 10% da variância total das respostas dos pais e professores. Neste fator, têm-se dois campos semânticos denominados como: plano superior, no qual se encontram as respostas apresentadas pelos professores 20-30 anos e pelos pais ou responsáveis maiores de 51 anos e o plano inferior apresentando as respostas gerais dos professores e as respostas dos pais ou responsáveis da faixa etária 31-40 anos.

Gráfico 1. Plano fatorial de correspondência as respostas dos pais e professores sobre o comportamento e relacionamento afetivo das crianças com Síndrome de Down



Legenda do Plano Fatorial:

Fator1 (F_1) vermelho, localiza-se no eixo horizontal

Fator2 (F_2), em azul, localiza-se no eixo vertical

Variáveis de opinião ou estímulos indutores: 1 = comportamento afetivo e 2 = relacionamento com o outro.

Variáveis fixas estão destacadas pela cor verde em caixa alta, representando os pais na faixa etária 31-40 e > 51 anos e os professores de 20-30 anos.

Percebe-se no fator 1, eixo horizontal F_1 , lado esquerdo, que os professores, em geral, enfatizam que, na escola, algumas crianças e jovens apresentam um relacionamento tranquilo, atencioso e obediente em relação a eles e os colegas, mas outras crianças e jovens são agressivos em relação ao comportamento afetivo. As palavras destacadas pelos pais na faixa etária 31-40 anos afirmam que as crianças em casa são muito amorosas e carinhosas na relação com o outro, gostam de conversar, brincar e algumas demonstram ser brincalhonas. Ainda no plano F_1 , lado esquerdo, observa-se que, para os professores na faixa etária de 20-30 anos, o comportamento afetivo da maioria em sala de aula não é agressivo, pois são pessoas tranquilas, muito prestativas, apesar de, às vezes, serem teimosas. Na relação com o outro, possuem um ótimo comportamento demonstrando alegria ou felicidade, carinho e respeito nas suas ações. Já os pais com mais de 51 anos delimitam apenas a palavra "amoroso" para identificar o comportamento afetivo das crianças e jovens em casa. Destaca-se, nesse mesmo gráfico no fator 2 (F_2), eixo vertical em azul, que os professores, em geral, dizem que o comportamento afetivo dos seus alunos é variável e inconstante, porém, o relacionamento com eles e os colegas é muito bom, demonstrando confiança. Os professores da faixa etária de 20-30

anos reforçam que o relacionamento com o outro é bom e que são muito amigáveis. Em relação às palavras apresentadas pelos pais de 31-40 e mais de 51 anos, revelam que as crianças e jovens possuem um comportamento normal. Os pais de 31-40 anos acrescentam que as crianças e jovens, algumas vezes, são "tranquilos" e "meigos", mas, às vezes, demonstram raiva. Os pais com mais de 51 anos também afirmam que seus filhos, em relação ao comportamento afetivo, são compreensivos e atenciosos, no entanto, em alguns momentos, demonstram-se aborrecidos, tristes e irritados. Já na relação com o outro, são muito apegados à família e aos amigos, são pessoas contentes, mas também são arengueiros e ciumentos.

DISCUSSÃO

Como especificado, o presente trabalho identificou percepções de pais sobre as crianças e jovens com SD, percepções estas relacionadas às diversas manifestações de comportamentos indicativos de afetividade no relacionamento familiar.

Além disso, foi possível apreender no ambiente social extradomiciliar, no caso a escola, as diversas formas e intensidades da expressão da afetividade de crianças e jovens com SD. Em relação à

escolaridade de crianças com SD, Kozma (2007) declara que essas crianças possuem um aprendizado lento e, conseqüentemente, apresentam dificuldade no raciocínio complexo e juízo crítico, ainda assim, muitas crianças conseguem ser alfabetizadas, em escolas regulares. É importante lembrar que “as crianças ‘normais’ também têm ampla variação de capacidades exatamente como às crianças com síndrome de Down” (Kozma, 2007, p. 33). Contudo, ainda que algumas crianças com SD não consigam aprender a ler e escrever, é possível descobrir outras potencialidades que podem auxiliá-las a desenvolverem-se com independência. Para isso, é preciso muito esforço da criança e o apoio das famílias, incentivando-as quanto ao desenvolvimento das habilidades intelectuais e sociais.

Os resultados apresentados detalharam os dados obtidos a partir dos questionários aplicados com os pais e com os professores. Serão enfatizadas, na seqüência, as discussões relacionadas às respostas dos participantes da pesquisa, que são aqueles que observam e acompanham o cotidiano das crianças e jovens com SD, envolvidas no estudo, a fim de observar a percepção das diversas manifestações afetivas. A apreciação da percepção dos interlocutores da pesquisa inclui alguns relatos textuais.

De acordo com os resultados - divulgados na íntegra por Rodrigues e Alchieri (2009) constatou-se que os pais e os professores externaram como as crianças e os jovens com SD se comportam afetivamente e como se dá

a relação com o outro. Levando em consideração a opinião dos professores, em geral, na escola, algumas crianças e jovens com SD demonstram um relacionamento “tranquilo”, “atencioso” e “obediente” em relação a eles e aos colegas, mas outros apresentam comportamento agressivo em sala de aula. Contudo, os professores na faixa etária 20-30 afirmaram que o comportamento afetivo da maioria “não é agressivo”, pois são “pessoas tranquilas”, “muito prestativas”, apesar de às vezes serem “teimosas”. Na relação com o outro, possuem um “ótimo comportamento” demonstrando “alegria ou felicidade”, “carinho” e “respeito” nas suas ações. Outra opinião dos professores, consiste em que o comportamento afetivo dos seus alunos é “variável” e “inconstante”, porém o relacionamento com eles e os colegas é muito “bom” demonstrando “confiança”. Os professores da faixa etária entre 20-30 anos reforçam que o relacionamento com o outro é “bom” e que são pessoas muito “amigáveis”. Percebe-se, então que há respostas divergentes entre os professores, em relação ao comportamento afetivo, pois alguns revelam que os alunos em sua maioria, “não são agressivos” e que apesar de serem “teimosos” são “tranquilos” e “prestativos”. Já outros professores dizem que eles possuem um comportamento “variável” e “inconstante”. Ilustram-se abaixo algumas respostas dos professores em relação ao comportamento e afetividade dos seus alunos:

“Apresenta um ótimo comportamento, atenciosa, educada e prestativa, executa muito bem as tarefas e ajuda na sala com os colegas” (na descrição

de MLLA de 13 anos).

“Seu comportamento em sala é tranqüilo. Ele se altera (o tom da voz) diante de alguma injustiça, quando alguém bate no colega, por exemplo” (apontando EVC de 14 anos).

“Tem um comportamento bastante variável também depende da vivência do seu dia em família” (descrevendo FJBF de 17 anos).

“Comportamento inconstante a mesma tem dias que quer chamar atenção manifestando interesse em desfazer a proposta de trabalho do grupo, tirando meia, sapato, ficando embaixo da mesa, etc. Quanto à aprendizagem, apresenta capacidade e interesse nas tarefas escolares executando com sucesso. É uma criança esperta, tímida quando tem pessoas estranhas na sala de aula com comportamento inconstante diante dessas pessoas” (descrevendo RSB de 10 anos).

As palavras destacadas pelos pais de 31-40 anos afirmam que as crianças e jovens em casa são muito “amorosos” e “carinhosos” e, na relação com o outro, gostam de “conversar”, “brincar” e alguns demonstram ser “brincalhões”. Já os pais com mais de 51 anos dão ênfase apenas à palavra “amoroso” para identificar o comportamento afetivo das crianças e jovens em casa. Outra opinião dos pais da faixa etária 31-40 e mais de 51 anos revelam que as crianças e jovens possuem um “comportamento normal”. Sendo que os pais de 31-40 anos acrescentam que as crianças e jovens algumas vezes são “tranqüilo” e “meigos”, mas às vezes demonstram “raiva”. Da mesma maneira, os pais com mais de 51 anos, afirmam que seus

filhos em relação ao comportamento afetivo são “compreensivos” e “atenciosos”, no entanto, em alguns momentos, demonstram-se “aborrecidos”, “tristes” e “irritados”. Já na relação com o outro são definidos como muito “apegados” à família e aos amigos, sendo pessoas “contentes”, mas também são “arengueiros” e “ciumentos”. Observa-se que, na primeira opinião dos pais, são destacadas apenas palavras positivas para exemplificar o comportamento dos seus filhos, enquanto que, logo após, os pais de 31-40 e mais de 51 anos dizem que seus filhos possuem um comportamento “normal”, no entanto em certos momentos apresentam-se “aborrecidos”, com “raiva”, “tristes” e “irritados”, e às vezes “arengueiros e ciumentos” (Rodrigues & Alchieri, 2009). Seguem abaixo as expressões textuais dos pais em relação à afetividade dos seus filhos.

“Apresenta o comportamento dentro dos padrões normais. É sempre amorosa. Quando quer algo que não tem, fica com raiva, mas em pouco tempo já está conformada que naquele momento é impossível e volta a ser amorosa” (dizendo de TAB de 15 anos). “Ela é muito carinhosa, amorosa, não quer que ninguém se aborreça com ela, pois ela fica meio triste...” (sobre ACQS de 12 anos).

“Ela é uma menina bem tranqüila, mas depois que nasceu minha neta de quatro anos ela ficou com ciúme e mudou o comportamento (Fez xixi uma vez na roupa na escola, puxa cabelo, às vezes quer imitar um bebê), come bem feio até você brigar com ela, faz questão que se brigue com ela. Fica se comparando com a neta. É como se ela se sentisse rejeitada, fazendo questão

de fazer coisa errada, para a gente brigar com ela...” (descrevendo VKBA de 18 anos).

“Ela é muito amorosa, ela só é mal criada, arengueira, só quer fazer o que ela gosta, é teimosa...” (comentando de EVL de 11 anos)

Observa-se que tanto as percepções dos professores como as dos pais revelam que o comportamento afetivo e o relacionamento com o outro, do grupo pesquisado, possui uma diversidade considerável, principalmente, em relação aos aspectos positivos, destacando-se as expressões: “respeito”, “amigo”, “tranquilo”, “alegre”, “prestativo”, “carinhoso”, “feliz”, “atencioso”, “obediente”, “confiança”, “amoroso”, “compreensivo” e outras, enquanto que nos aspectos considerados negativos destacam-se: “teimoso”, “agressivo”, “comportamento variável e inconstante”, “aborrecido”, “arengueiro”, “ciumento”, “triste”, “irritado”, “raiva”. Isso indica que as crianças e jovens com SD possuem um comportamento idêntico ao de qualquer outra criança ou jovem, demonstrando sempre os opostos em suas ações, ou seja, em determinados momentos sentem alegria e noutros tristeza (Rodrigues, 2008).

Portanto, observa-se que existem idéias pré-concebidas que buscam caracterizar o comportamento desses indivíduos com SD, idealizando-os como afetuosos, dóceis, calmos, brincalhões etc., originando um estereótipo que como se vê não é compatível com o real, pois eles são únicos e apresentam diferenças em relação à personalidade e temperamento como qualquer outro

indivíduo (Rodrigues & Alchieri, 2009).

Foi possível perceber que essa idealização da forma como os pais criam seus filhos que têm SD pode se tornar um equívoco. A percepção de que seus filhos têm esta ou aquela característica estereotipada pode prejudicar seu desenvolvimento. O não reconhecimento da miríade e diversidade de formas de sentir, agir e pensar das crianças e jovens com SD pode interferir na qualidade e autenticidade da relação estabelecida entre pais e filhos.

Desta maneira, verificaram-se algumas características mais frequentemente observadas, por exemplo: “como pessoas excessivamente pegajosas”, “amorosas”, “dóceis”, “boazinhas”, “mansas”etc. O parágrafo a seguir demonstra a visão da mãe de E.V.C 14 anos em relação às manifestações afetivas do filho e à importância que percebe em como educá-lo.

“... ele é espontâneo, ele demonstra todo o sentimento que tem, e nós por ele. Dizemos muito que ele é lindo, que o amamos; ele não é aquele menino pegajoso, que beija sem parar, ele já tem os limites e já sabe se comportar como uma criança na idade dele. Quando tem meninas ai sim, que ele fica muito bem comportado, paquerando, mas no limite. Sempre estamos ensinando a E., sobre este aspecto de comportamento com relação às outras pessoas. Não queremos que seja desses que abraça todo mundo, devemos sim apertar a mão e cumprimentar as pessoas. Temos que tirar o estigma que eles sempre são "mansos, bonzinhos, dóceis". Isso é rotular as crianças. Eles

são como todas as outras crianças e pessoas têm sentimentos e querem e precisam ser respeitados como todos nós”.

Neste sentido, os autores Martins (2002), Schwartzman (2003), Rodríguez (2004) enfatizam que a criança com SD apresenta comportamentos semelhantes à de uma criança não síndrômica, na mesma faixa etária, ou seja, sua vida emocional é tão rica como de qualquer outra pessoa. Por isso, não há possibilidade de existir um padrão estereotipado ou único para todas as crianças com SD, pois, além da alteração cromossômica, encontram-se as importantes influências advindas do meio social. Diante disso, as crianças podem apresentar no seu comportamento afetivo ou relacionamento com o outro, “tranquilidade”, “sociabilidade”, “alegria”, “tristeza” serem “ativas”, “agitadas”, “agressivas”, “passivas” de acordo com determinadas condições, relacionadas ao cuidado físico e emocional recebido, e ao nível de estímulo e educação fornecido durante as etapas do seu desenvolvimento. Os problemas emocionais e de conduta estão, na maioria das vezes, ligados aos fatores ambientais e familiares, ou seja, com a forma em que os pais lidam e tratam seus filhos (Rodrigues & Alchieri, 2009).

Durante todo o processo da pesquisa foi possível identificar o quanto é difícil para alguns pais aceitarem as condições de desenvolvimento do seu filho com SD. Sabe-se que desde o nascimento ocorrem às primeiras interações da criança com a mãe e a forma como isso acontece interfere na aquisição da

linguagem da mesma, no entanto devido ao atraso de desenvolvimento neuropsicomotor (hipotonia) e possibilidade de alteração na percepção é possível prever o atraso no desenvolvimento da linguagem (Lamônica, Vitto, Garcia & Campos, 2005). Por esse motivo, a linguagem pode ser uma das áreas prejudicadas na SD. Considerando essa possibilidade, é preciso que os pais percebam que, apesar das crianças com síndrome demonstrarem dificuldade na compreensão, expressão e funcionalidade da linguagem, a aquisição desta ocorre da mesma maneira que numa criança que não tem a síndrome, necessitando apenas de um período maior para que consiga se comunicar com uma articulação adequada e um vocabulário razoável (Martins, 2002). Vale ressaltar que, da mesma forma que uma criança não síndrômica pode levar mais tempo para aprender algo, em relação a outras, as crianças com SD possuem um ritmo compatível às condições biológicas e cognitivas do seu desenvolvimento.

Em relação à dificuldade de socialização enfatizada pela mãe de IMS (11 anos), no segundo relato, é importante acrescentar que a expressão verbal pode limitar a externalização das emoções. Isso não indica que a criança não vivencie intensamente suas emoções, mas essa dificuldade pode ser responsável pelo comportamento indesejado (Rodríguez, 2004).

Na maioria dos relatos, os pais afirmam que gostariam que seus filhos mudassem o comportamento afetivo, pois os acham “pegajosos”, “agressivos”. Todavia, alguns

demonstram sentir a necessidade de impor limites aos seus filhos; uma mãe disse que não é seu filho que tem que mudar, mas a família em relação a ele. Neste sentido, eles expressam:

“Não acho... Não sei... Deveria controlar mais o afeto dele, porque ele vem no ônibus e aperta a mão de todo mundo” (sobre DFSS de 13 anos).

“Eu acho que deveria mudar o comportamento dele, pois ele é muito pegajoso comigo e eu queria que ele dividisse esse amor com o pai e a irmã” (apontando ARB de 21 anos).

“Bem, ela já melhorou bastante depois que ganhou um irmão, não é mais uma criança tão grudenta, que fica o tempo todo abraçando e beijando. Acho que está bem melhor assim, porque tem que ter limites” (referindo-se a BST de 14 anos).

“Eu gostaria que mudasse essa agressividade dele. Agora a gente tem culpa porque criou ele sem limites com tudo. A gente tá dando limites a ele agora” (em relação a ASC de 16 anos).

“Assim quando ele se irrita, quando ele grita, isso me incomoda. É esse lado dele de impaciência que eu gostaria que mudasse, porque ele fica zangado, se joga no chão” (descrevendo HSG de 6 anos).

“Nada. O que ele já passou e sofreu... Não é ele que tem que mudar, somos nós... mais tempo, mais doação, mais carinho e menos individualismo” (mencionando JVS de 12 anos).

Os depoimentos revelam o quanto a expressão da emoção é complexa e maximiza as respostas do organismo frente a determinadas

vivências e comunicações interpessoais dos indivíduos (Atkinson et. al., 2002). É fato que as limitações atribuídas ao desenvolvimento das pessoas com SD não impedem a vivência plena da sua afetividade. No entanto, os pais devem estar cientes de que precisam educar seus filhos orientando e estimulando o desenvolvimento afetivo dos mesmos. Entende-se que, desta maneira, podem ter uma melhor relação intra e interpessoal. Além disso, é importante reforçar que a relação entre a família e a criança é muito importante, pois a forma como a criança é inserida no meio familiar pode afetar o seu desenvolvimento (Silva & Dessen, 2006).

Em geral, foi possível perceber que a maioria dos pais entrevistados demonstrou insatisfação em relação ao comportamento afetivo dos filhos, como qualquer outro pai, embora muitos achem que tais comportamentos são específicos da SD. Sabe-se que um dos fatores que podem alterar o desenvolvimento afetivo de uma criança com SD é o próprio meio sociocultural, quando esse meio apresenta baixa expectativa em relação aos indivíduos sindrômicos, veiculando estereótipos e preconceitos. Algo que pode exemplificar essa idéia é o fato de muitos pais tratarem seus filhos com SD como eternas crianças, reforçando a necessidade do que o os trate da mesma forma (Bieberich & Morgan, 1998; Camargo & Torezan, 2004). Entretanto, as funções psíquicas das crianças e jovens com SD surgem mediante as suas interações interpessoais, diminuindo as conseqüências causadas pela síndrome e, conseqüentemente, aumentando a

influência educativa na vida dessas pessoas. Afinal elas possuem um desenvolvimento particular de acordo com suas condições genéticas e sócio-históricas (Cazarotti & Camargo, 2004; Bissoto, 2005).

Diante do exposto, é possível verificar que os pais têm acesso a informações suficientes para educar seus filhos, pois apesar de o desenvolvimento da criança apresentar limitações, é possível educá-la respeitando sua condição. Como já frisado anteriormente, uma das áreas mais prejudicadas na síndrome de Down é a linguagem, e isso pode indicar que, se os pais não forem informados nem possuírem acesso a profissionais que possam estimular o desenvolvimento da linguagem dessas crianças desde o seu nascimento, a criança pode apresentar, por exemplo, dificuldades no seu comportamento afetivo, por não conseguir se comunicar com os outros da forma que deseja. Sendo assim, a linguagem é um fator essencial para o desenvolvimento da afetividade e para a qualidade da relação que a criança estabelece com o mundo.

Afinal, a afetividade, segundo Mahoney e Almeida (2005), é um estado de sintonia pelo mundo externo e interno diante de sensações agradáveis ou não, podendo ser expressa através das emoções e sentimentos. As emoções seriam uma das formas de exteriorizar a afetividade através da expressão corporal e motora, e os sentimentos são expressões desta em forma mais duradoura e constante, não implicando reações momentâneas e diretas como no caso das emoções. É possível entender a emoção como o

sentimento junto a um conjunto de pensamentos, estados biológicos, psicológicos e tendências à ação que lhe caracterizam (Rodríguez, 2004). As emoções, diante das suas variadas expressões, encontram-se imbricadas no imediatismo da reação, já os sentimentos estão relacionados com a compreensão do mundo (Damásio, 2004). Por esse motivo, destaca-se que a afetividade possui função imprescindível no entendimento e na compreensão das relações interpessoais. Logo, se uma criança apresenta dificuldade em se comunicar com os outros, provavelmente isso pode prejudicar suas relações afetivas, por ela não conseguir exteriorizar e compreender, de forma clara, sua vinculação social.

Nesse contexto, foi possível identificar, através das expressões e relatos textuais dos pais, a diversidade de expressões que buscam exemplificar o comportamento e o relacionamento afetivo dos seus filhos, e verificar, através dos professores, as diversas formas e intensidades da expressão da afetividade dos seus alunos em sala de aula. As expressões utilizadas pelos pais para descrever o comportamento afetivo dos seus filhos e a forma como estes se relacionam com outras pessoas revelam aspectos positivos e negativos da afetividade. Ficou perceptível que os pais das crianças e jovens com SD pensam que certos comportamentos (“agressivo”, “teimoso”, “pegajoso” etc.) dos seus filhos são específicos e únicos da síndrome. Esse fato alerta para que os profissionais que trabalham com essas crianças estejam informados sobre como orientar esses pais, mostrando-lhes as possibilidades de

desenvolvimento dos seus filhos. Afinal, as crianças passam pelas mesmas etapas que as não sindrômicas, mas, na maioria das vezes, necessitam de um tempo prolongado para conseguir avançar no desenvolvimento de suas potencialidades.

Diante das insatisfações de alguns pais em relação ao comportamento dos filhos, surgiram alguns questionamentos: Será que as mudanças que os pais gostariam que ocorressem com os seus filhos, de certa forma, não ocorrem devido ao tipo de orientação e educação que recebem? Afinal, alguns pais enfatizam que estão impondo limites aos filhos, mas, tardiamente, pois algumas crianças já são adolescentes e têm dificuldades com relação aos limites. Será que observando elas como capazes, tanto quanto as demais não agiriam buscando estimular e também limitar comportamentos diferentes? As queixas de uma criança sem a síndrome, extremamente mimada, não apresentaria também comportamentos indesejáveis, quanto aquelas sem estimulação dos limites?

Em relação aos professores, alguns se remetem às características positivas para exemplificar a afetividade das pessoas com SD, porém, também revelam variações atribuídas ao comportamento de qualquer outra criança. Assim como os pais, os professores também precisam compreender que as características consideradas negativas apresentadas pelos seus alunos não são, necessariamente, causadas pela síndrome. Por esse motivo, a formação aperfeiçoada dos profissionais que se dedicam ao trabalho com pessoas com

SD é imprescindível para que estes tenham um melhor preparo para lidar com as diferenças, relativas às capacidades cognitivas de cada indivíduo. Afinal, cada criança, independente de síndrome, possui suas dificuldades próprias.

CONCLUSÃO

Enfim, os resultados da pesquisa possibilitaram identificar e caracterizar as manifestações afetivas mais comuns de um grupo de crianças e jovens com SD, sob a ótica de seus pais como de seus professores, descrevendo as respectivas percepções.

Enfatiza-se que os profissionais que lidam com pessoas portadoras da SD estejam cientes da necessidade de produzir conhecimentos, elaborando alternativas que facilitem o entendimento do universo dessas pessoas. É fundamental ressaltar que o desenvolvimento afetivo do indivíduo com SD, além da interferência decisiva da linguagem, procede de influências sociais, culturais e genéticas, como ocorre com qualquer pessoa que não tenha a síndrome. Da mesma forma, é importante sublinhar o efeito das expectativas externas, muitas vezes impostas às crianças e aos jovens com SD em relação às suas potencialidades, capacidades e aos aspectos afetivo-emocionais relacionados à aprendizagem das coisas do mundo. Sendo assim, estar-se-á contribuindo para vencer barreiras e preconceitos, tendo em vista o pleno desenvolvimento da afetividade, uma vez que este é imprescindível na organização psíquica do ser humano.

REFERENCIAS

- Atkinson, R. L., Atkinson, R. C., Edward E. S., Bem, D. J., & Nolen-Hoeksema, S. (2002). *Introdução à Psicologia de Hilgard*. 13 ed. Porto Alegre: Artmed.
- Bieberich., Andréa A., & Morgan, S B. (1998). Brief Report: Affective Expression in Children with Autism or Down Syndrome. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, Vol. 28, N. 4, 333-338.
- Bissoto, M, L. (2005). Desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem do portador de síndrome de Down: revendo concepções e perspectivas educacionais. *Ciências & Cognição*; vol 04, 80-88.
- Camargo, Evani A. A., & Torezan, A, M. (2004). Interlocução entre pais e profissionais da área de Educação Especial e suas concepções sobre a deficiência mental. *Rev. Brás. Ed., Marília*, Set.-Dez. v. 10, n.3, 337-354.
- Cazarotti, M., & Camargo, Evani A. A. (2004). Análise da narrativa de um sujeito com síndrome de Down em situação dialógica. *Rev. Brás. Ed. Esp., Marília*, Mai-Ago, v.10, n.2, 175-182.
- Coutinho, M. P.. (2005). *Depressão infantil e representação social*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB.
- Damáσιο, A. (2004). *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Doron, R., & Parot, F. (2001). *Dicionário de Psicologia*. 1 ed. Lisboa: Climepsi Editores.
- Kozma, C. (2007) O que é síndrome de Down. In: Stray-Gundersen, K. (Org.). *Crianças com síndrome de Down: guia para pais e educadores*. (pp. 14-42). Porto Alegre: Artmed.
- Lamônica, D. A. C., Vitto, L. P. M. ., Garcia, F. C., & Campos, L. C. (2005). Avaliação do processo receptivo: investigação do desenvolvimento semântico em indivíduos com síndrome de Down. *Rev. Brás. Ed. Esp., Marília*. Jan-Abr. v 11, n.1, 81-96.
- Mahoney, A. A., & Almeida, L R. (2005). Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. *Psic. da Ed.*, São Paulo, 20, 1º sem., 11-30.
- Martins, L. A. R. (2002). *A inclusão escolar do portador da síndrome de Down: o que pensam os educadores?* Natal-RN: Editora da UFRN.
- Pinto, F. E. M. (2004) O “mundo do coração”: os (novos) rumos de estudo da afetividade na Psicologia. *Rev.ciênc.hum, Taubaté*, v.10, n.2, jul./dez., 111-114.
- Rodrigues, E. C. (2008). Avaliação das características de afetividade em crianças e jovens com Síndrome de Down. (Dissertação de Mestrado). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Rodrigues, E. C., & Alchieri, J.C. (2009) Avaliação das características de afetividade em crianças e jovens com síndrome de Down. *Psico-USF*, p.14, n.1, jan/abr, 107-116.

Rodríguez, E. R. (2004). Programa de educación emocional para niños y jóvenes com síndrome de Down. *Revista Síndrome de Down* 21, 84-93.

Rossel, K. (2004). *Apego y vinculación en el Síndrome de Down. Una emergencia afectiva*. Revista Pediatría Electrónica [en línea]. Vol. 1, No 1, 3-8. Disponible: www.med.uchile.cl/revistapediatria ISSN 0718-0918.

Schwartzman, JS. (2003). Histórico. In: Schwartzman, J. S. (org.) *Síndrome de Down*. (2. ed., pp. 1-81) São Paulo: Memnon.

Silva, N. L. P., & Dessen, M. A. (2006). Famílias de crianças com síndrome de Down: sentimentos, modos de vida e estresse parental. *Interação em Psicologia*. (Vol. 10, pp. 183-194). Curitiba: UFPR.

Artículo recibido: Agosto de 2010

Artículo aceptado: Noviembre de 2010